

## **Apontamentos sobre o ensino de uma Medicina Popular Indígena na Enfermagem.**

\*Carmencita Ignatti

### **1. Introdução**

Para que se possa desenvolver essa proposta do artigo, há que discorrer sobre o universo indígena e sua visão de vida e saúde.

A experiência da convivência com indígenas possibilita uma revisão de conceitos estabelecidos como verdadeiros no universo do não índio que, em primeira instância, sugere uma alienação nascida do desconhecimento do significado e significância das crenças e tradições nativas.

Quando se trata de índio há um enfoque cristalizado de indolência e atraso com um distanciamento do que é considerado como correto, adequado, razoável, aceitável ou qualquer outra classificação plausível para uma grande maioria de pessoas.

Observa-se de uma forma geral, uma visão folclórica do índio: alguém semi nu, pintado de forma bizarra, coberto com algumas penas coloridas, que come o que caça e planta e produz algum artefato para uso ou venda, alheio ao mundo do homem branco (GRUPIONI, OLIVEIRA, 1995, BARBOSA, 1999).

Interessantes as reações de espanto e ironia perante um indígena que usa *jeans* e utiliza tecnologia, como se ele não tivesse os mesmos direitos como seres humanos, ao conforto e ao progresso e como se desde o primeiro instante não fosse expropriado de seus saberes e costumes pela sociedade civilizada. Paradoxalmente essa mesma sociedade constrói museus e pesquisa sambaquis em busca de objetos e resquícios históricos em nome da preservação.

Desde a colonização, foi imposto catequeticamente o modo civilizado europeu de ser e de ver o mundo e não só ignoradas, quanto amarfanhadas sob o título de hereges, as crenças, os costumes e a medicina nativas, despojando-se o índio de sua cultura e das bases antropológicas e culturais de seu existir. Isso não mudou muito na atualidade, pois os jesuítas foram substituídos pelos evangélicos, o que também se pode constatar na convivência de cerca de dez anos com indígenas das etnias Kariri-Xocos, Xavantes, Tupis Guaranis e Kamayuras, entre outras.

---

\*Mestre em Filosofia da Educação, docente FPBE. Email [carmencitaignatti@gmail.com](mailto:carmencitaignatti@gmail.com)

O significado das conseqüências da colonização e impactos desencadeados desde então para os povos indígenas é crucial no apontamento de fatores relevantes a esta proposta, especialmente no que tange ao conhecimento sobre a flora medicinal, benzimentos, rezas, cantorias e demais práticas de seu fascinante sistema de cura, os quais foram presenciados e vividos nesta década mencionada.

Historicamente o desrespeito, a exploração/expropriação desumanas e a violência ao sistema de tradições e crenças, à vida e ao ser e estar índio constituem negra lembrança que obscurecerá para sempre a memória cultural brasileira. (BARRETO, 2002; AMOROSO, 1998; C.OLIVEIRA,1996; COSTA, 1987).

O agravamento das condições em que se encontram os nativos perante a necessidade de adaptação a sociedade e sua ambígua condição de não pertinência ao mundo dos brancos, dos quais absorveram costumes e *modus vivendi* e tampouco ao seu próprio mundo, uma vez que o crescente processo de “desindianização” abala seu alicerce do ser e permanecer índio, move-nos o interesse, enquanto profissional da área de saúde, pelo conhecimento profundo e histórico do conjunto de práticas, com destaque para a flora promovendo um estudo que possa colaborar na recuperação e preservação destas praticas no campo da medicina popular.

Bosi (1998: 442 - 443), refere que os espaços e a paisagem são fundamentais para o seguimento das tradições e da memória coletiva, pois se estabelece com eles uma "*comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas*" e o "*desenraizamento*", como "*condição desagregadora da memória*", provocando a "*espoliação das lembranças*".

A autora relembra Chauí (apud Bosi, 1998: 19), ressaltando que a "nossa" sociedade, ocidental e capitalista, "*bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros*" e mais adiante segue concluindo que isto acontece não só porque "*o velho foi reduzido à monotonia da repetição*", mas devido à outra ação, especialmente "*daninha e sinistra (...), a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos*". De outra parte, os "*novos colonizadores*", os que ocuparam o território indígena, utilizaram, amplamente, o argumento de que se tratava de povos atrasados e sem cultura.

No Brasil, de um modo geral, onde desde a ocupação portuguesa até os dias de hoje prevalece a usurpação e exploração de terras e todo o ecossistema e, inevitavelmente invade e expulsa os nativos de seus territórios, há carência de interesse público e privado suficientes para mover ações efetivas na preservação deste patrimônio, condenando ao desaparecimento da linguagem, costumes e tradições.

Oliveira (2006) afirma que *“o contato com a sociedade, a falta de uma política lingüística que valorize e respeite essa diversidade, a invisibilidade e a conseqüente marginalidade social em que se encontram os povos indígenas, além das atitudes negativas que muitos têm em relação a essas línguas e a seus usuários, são alguns dos fatores para tal ameaça.”*

Em função destes fatores, percebe-se que ocorre um natural constrangimento e até mesmo um desinteresse por parte dos índios em comunicarem-se em seu idioma e assumirem sua condição, suas tradições, seus costumes, ou o fazem de forma tímida ou para obter algum ganho financeiro questionável, desvalorizando-se como seres humanos. Deve ser considerado também o fato de que paralelamente ao desaparecimento dos mais velhos, as novas gerações contaminadas pelo mundo do branco e seus valores, desestimulam-se naturalmente da sua própria cultura.

Embora haja cerca de 220 grupos indígenas no Brasil, com uma população em torno de 450.000 integrantes e mais de 180 variações lingüísticas, “poucos são aqueles que ainda utilizam e valorizam suas formas particulares de conhecer e se relacionar com seu meio. Elas dependem muito de equilíbrio social e ambiental, indispensáveis para a manutenção dos sentidos e das dinâmicas próprias de transmissão e experimentação de saberes e práticas milenares, condições que a maior parte perdeu em decorrência do impacto do convívio com a sociedade nacional e da exclusão cultural que vem sendo submetida pelo preconceito ainda enraizado no olhar e no tratamento que os índios recebem...”(FUNAI, 2002).

*“The instruments used by the indigenous memory to transmit its messages were quite varied: the simplicity of oral language, the plastic beauty of body language, the lights and shadows of architecture, the sound of music, and chants. It was through these media that the rites, traditions, and history of a millenary culture have reached us and thus we have been able to discover the deep currents that entrain the values of human beings that are different from us but in no way alien to our roots. In the Mesoamerican cultures, body, oral, and visual languages were the first to transmit collective experiences, and the best way to pass on knowledge that will ensure the group’s survival.”(MAYET,2001).*

Bertolli (2000) ressalta que no período compreendido entre 1.500 até a vinda da família Real para o Brasil, cerca de trezentos anos, não havia sistema algum de cuidado à saúde dos colonos, a não ser a medicina de índios e negros, com suas rezas, banhos, comidas, ervas e rituais.

A integração das culturas e saberes deve ser privilegiada numa perspectiva de incorporação de conhecimentos com vistas à preservação e o respeito à interculturalidade, podendo garantir a incorporação de práticas naturais favoráveis e ampliar a expectativa de melhores alternativas nas ações da atenção a saúde e qualidade de vida.

Na CARTA DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO de dezembro de 2001, resultante do seminário “A Sabedoria e a Ciência do Índio e a Propriedade Industrial”, encontra-se :  
*Nós representantes indígenas no Brasil pluriétnico onde vivem 220 povos, falando 180 línguas distintas entre si e, ocupando 12% do território brasileiro, declaramos...*

*1. Que nossas florestas têm se mantido preservadas graças aos nossos conhecimentos milenares;*

*5. Nós representantes indígenas, expressamos firmemente aos governos e aos organismos internacionais nosso direito à participação plena nos espaços de decisões nacionais e internacionais sobre biodiversidade e conhecimentos tradicionais...(SOUZA,2003).*

Santos Filho, (2006) analisando a Convenção 169/OIT, que trata do desenvolvimento sustentável mediante a análise da legislação nacional e de convenções/resoluções internacionais sobre a proteção ao meio ambiente e aos índios, cuja diversidade étnico-cultural tem de ser respeitada, faz menção ao importante fato de que tais questões devem ser enfrentadas tendo em vista o direito humano ao desenvolvimento, preconizado por resolução da ONU de 1986, que hoje abrange proteção do ambiente, crescimento econômico e equidade social. Sustenta ainda que o equilíbrio entre a proteção ambiental e a defesa dos direitos das minorias indígenas trará o almejado desenvolvimento sustentável, em respeito à presente e às futuras gerações.

A Legislação Indigenista Brasileira e Normas Correlatas (Ministério da Justiça/ Funai, (2005) em sua 3ª edição pretende e tem como núcleo consolidar, num instrumento de fácil consulta, as normas estatais indigenistas, com a finalidade de estabelecer mais equanimidade e transparência na relação entre a específicos sobre Saúde, Meio Ambiente e Apoio às Comunidades Indígenas.

Em se tratando de meio ambiente, apesar de empenho de legisladores e ambientalistas, ainda inexistem uma consciência preservacionista nem mesmo por parte dos indígenas adeptos dos costumes e tecnologia dos brancos, produzindo lixo e contaminação de solo e água através do descarte de pilhas e plásticos, por exemplo, (Giatti et al, 2007) porém, percebe-se na realidade, que todas estas questões são tratadas de forma separada, departamentalizadas, criando brechas para os desencontros entre o papel e a realidade, a teoria e a prática.

Assim, tanto quanto é fragilizada a perspectiva de tratar meio ambiente à parte das condições sociais, econômicas e culturais também dicotomizar saúde indígena da terra é incorrer nos mesmos riscos e problemas existentes desde a colonização, tais quais doenças transmissíveis, mortalidade infantil, alcoolismo e mais recentemente, infelizmente, criminalidade, suicídio e drogadição (MENTA,2002)

*“...não podemos falar da cultura, se não falamos da terra; a cultura não pode existir por si só. A terra é o apoio, o que dá força à cultura. A cultura, entre nós, é o direito a conceber, de uma maneira integral, nossa relação como seres humanos, entre os povos e entre estes e a mãe terra; que nos permite ser diferentes, já que cada povo tem características específicas e também nos faz ser iguais, já que todos temos capacidade de criá-la.” (Deborah Hernandez apud SILVA 2003).*

## **II. Saber tradicional no contexto da Saúde**

O universo de compreensão do binômio saúde-doença para o indígena difere da visão cartesiana da medicina do homem branco. Índios adoecem por fatores que vão além dos agentes etiológicos conhecidos pela ciência oficial. Qualquer proposta, de integração e resgate de um acervo ancestral destes saberes e práticas, precisa considerar esta realidade buscando uma conciliação de conhecimentos, respeitando a compreensão nativa do indígena:

*(...) temos tratamentos também preventivos (com plantas) e não só curativo. Se temos saúde temos vontade de pensar, raciocinar, ficar alegres. É gratuito porque a natureza oferece...(índios do Rio Negro/AM, apud SILVA 2003).*

A produção do saber e da ciência dos quais se orgulha tanto o homem, tem gerado paradoxal e sucessivamente efeitos colaterais cujas conseqüências temos assistido ao longo do tempo. Porém, mudar a trajetória em direção a um bem maior em termos coletivos continua sendo um dos pilares fundamentais mantenedores da dignidade dos homens que a produzem.

À respeito das questões indígenas, Souza (2003) traça considerações sobre a urgência do respeito às diferenças como elemento fundamental para o equilíbrio das relações entre os povos e, portanto, o encaminhamento para a paz, mediante a universalização dos diversos conhecimentos, ou seja, a inter, a transculturalidade e transdisciplinaridade – o diálogo entre as culturas, tendo a educação papel fundamental em toda a complexidade do processo.

A autora propõe uma leitura dos povos indígenas que compreenda essa concepção abrangente de ser humano e suas relações interpessoais e interculturais com a natureza, com os demais povos índios e não índios, considerando cosmologia, mitos, crenças, expressões sonoro-significativas, pinturas corporais, expressão lingüística, instrumentos, cantos e vocalizações, rituais, jogos, vestimentas para reconhecimento e legitimação dos saberes das sociedades e culturas indígenas em seu próprio universo, garantindo, efetivamente, sua preservação para minimizar e até cessar apropriações, roubos, violência e morte simbólica.

Portanto, da mesma forma que o branco acredita que seus métodos e recursos científicos são garantia para a sobrevivência e manutenção da saúde do índio, porque o inverso não possa e deva ser considerado!

Índios têm soluções adequadas e precisas para seus problemas, sejam quais forem!

Sua história milenar atesta isso e a chegada do homem branco desarticulou seu estar no mundo. Apesar dos avanços científicos e tecnológicos, é inadmissível ignorar uma sabedoria ancestral, atropelando sua dignidade em nome de uma suposta supremacia.

Na convivência com Kariris Xocos desde 2000, para estudo e prática de suas tradições, foi possível mergulhar em sua história de vida e recolher informações preciosas relatadas na seqüência abaixo e também encontradas em- ( MARTINS 1994), (MATA, 1999- FUNAI), MENDONCA (2000), PINTO (2007).

Mota (1987) pioneira em profusos estudos das práticas dos kariris xocos, aponta que há uma relação de ordem espiritual com as plantas, nomeadas segundo sua *tarefa divina* e vistas como *entidades* que direcionam rituais, cânticos e sua medicina. Seus sistemas de coleta e padrões de utilização de espécies botânicas seguem preceitos ancestrais secretos e são percebidos por eles como elementos fundamentais que ordenam seu universo e mantêm vitalidade individual e coletiva e sua identidade e unidade cultural.

No estudo sobre a medicina dos *Cariris Velhos* (Agra et al, 2008) encontram-se referências ao uso de plantas medicinais do Nordeste brasileiro pelos índios, cujos

valores terapêuticos e benéficos foram comprovados via métodos científicos, notadamente na chamada etnobotânica.

O respaldo para a utilização desta sabedoria na atualidade, especialmente no preparo de acadêmicos de Enfermagem no contexto da Saúde Pública, enquanto recurso de melhora da atenção básica, incluindo educação em saúde, assenta-se na Portaria 971 de maio de 2006, que...

*Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde.*

*Considerando o parágrafo único do art. 3º da Lei nº 8.080/90, que diz respeito às ações destinadas a garantir às pessoas e à coletividade condições de bem-estar físico, mental e social, como fatores determinantes e condicionantes da saúde;*

*Considerando que a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem estimulando o uso da Medicina Tradicional/Medicina Complementar/Alternativa nos sistemas de saúde de forma integrada às técnicas da medicina ocidental modernas e que em seu documento "Estratégia da OMS sobre Medicina Tradicional 2002-2005" preconiza o desenvolvimento de políticas observando os requisitos de segurança, eficácia, qualidade, uso racional e acesso;*

*Considerando que a Fitoterapia é um recurso terapêutico caracterizado pelo uso de plantas medicinais em suas diferentes formas farmacêuticas e que tal abordagem incentiva o desenvolvimento comunitário, a solidariedade e a participação social;*

*..... que nosso País dispõe de recursos naturais e humanos ideais ao seu desenvolvimento no Sistema Único de Saúde (SUS); e*

*Considerando que a melhoria dos serviços, o aumento da resolutividade e o incremento de diferentes abordagens configuram, assim, prioridade do Ministério da Saúde, tornando disponíveis opções preventivas e terapêuticas aos usuários do SUS e, por conseguinte, aumentando o acesso...*

Pretende-se, então, colaborar para que este conjunto de conhecimentos seja preservado através de seu registro e de sua disponibilização a comunidade, inserindo-o no conteúdo programático da formação do enfermeiro.

A relevância portanto vem do fato de que, considerando que os indígenas são patrimônio histórico vivo e detentores de profunda sabedoria sobre a flora, a fauna e a natureza em geral, o esforço para a preservação desta memória é significativo em se tratando de ampliar as possibilidades da atenção a saúde da população.

Por outro lado, apresentar o sistema da medicina popular indígena, juntamente com saberes de outras etnias a acadêmicos da área de saúde, em especial a enfermagem, além de enriquecer a formação do aluno e ampliar seu engajamento no mercado de trabalho, promove a recuperação e preservação do conhecimento, tornando-o acessível a comunidade, resgatando conhecimentos acerca de valores, formas, tradições e rituais e meios de práticas nativas do sistema ancestral de cura, especialmente as ervas medicinais, também apontando aspectos de convergência no âmbito da atenção básica, como possibilidade de incorporação na Saúde Pública, de acordo com prerrogativas da Portaria 971 MS-SUS.

Há que se refletir sobre alguns aspectos dúbios embutidos na questão tanto do ensino de outras possibilidades terapêuticas ao graduando por ser alvo do preconceito e da falta de embasamento dos profissionais emergentes de uma formação focada no modelo biomédico, quanto na ausência de um posicionamento concreto e definido dos órgãos representativos da categoria, gerando ambos uma fragilidade na estrutura da formação quanto a segurança do ensinar e do praticar.(ALVIM et AL, 2006).

*Para Ricardo & Stotz (2008) É essencial refletir sobre a forma de se aliar os saberes científicos e populares para a construção de políticas de saúde, questão delicada e envolta por tensões. O uso de plantas medicinais é apontado como alternativa à dificuldade de acesso ao SUS – especialmente pela população rural – e insatisfação com o atendimento recebido. Entretanto, nota-se que sua persistência decorre da eficácia, integração à cultura popular e ao modo de se entender saúde e estabelecer relações sociais e com a natureza.*

As mudanças que estão ocorrendo em todos os setores da sociedade promovem a necessidade da aceitação do fato de que novos modelos de assistência a saúde precisam e devem ser buscados, visando tanto a resolutividade enquanto arsenal terapêutico, quanto viabilidade econômica e acessibilidade ao consumo, especialmente se considerando a atenção básica e o contato com uma comunidade imersa em um complexo caldo de cultura. (BOEHS et AL, 2007).

Tendo em vista todas estas questões abordadas, o preparo de acadêmicos de Enfermagem deve incluir tais conhecimentos.

### **III Considerações finais**

Este estudo faz uma abordagem do panorama em que está imersa a cultura indígena e os esforços da preservação em meio a múltiplos fatores adversos.

Aponta a importância destes conhecimentos na Saúde Pública, inseridos em um novo modelo de assistência que responda com acesso e resolução.

Sugere a inserção no conteúdo programático da formação profissional com dupla finalidade: preservar uma sabedoria ancestral que está se perdendo e instrumentalizar os novos profissionais para ampliação da capacidade do ato de cuidar.

### Referencias Bibliográficas

AGRA, Maria de Fátima, SILVA, Kiriaki Nurit, BASILIO, Ionaldo José Lima Diniz, FREITAS Patrícia França de, BARBOSA José Maria -Filho Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil, Revista Brasileira de Farmacognosia Brazilian Journal of Pharmacognosy, 18(3): 472-508, Jul./Set. 2008. Disponível em [www.scielo.br/scielo.php?script...S0102-695X2008000300023.pdf](http://www.scielo.br/scielo.php?script...S0102-695X2008000300023.pdf)

Acesso maio de 2010.

AGRA, Maria de Fátima, SILVA, Kiriaki Nurit ; IONALDO José Lima Diniz Et Al , Levantamento das plantas medicinais usadas na região Nordeste do Brasil, *Rev. bras. farmacogn.* vol.18 no.3 João Pessoa July/Sept. 2008. doi: 10.1590/S0102-695X2008000300023 Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-695X2008000300023](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-695X2008000300023)

Acesso em maio 2010.

AMOROSO, MARTA ROSA, Mudança de Hábito - Catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos, *Rev. bras. Ci. Soc.* vol.13 n.37 São Paulo Jun 1998, disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200006). Acesso em setembro 2006.

ALVIM, NEIDE; et all, O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira; *Rev Latino-am Enfermagem* 2006 maio-junho; 14(3). Disponível em [www.eerp.usp.br/rlae](http://www.eerp.usp.br/rlae).

BARBOSA, Wallace de Deus, Globalizacao e Etnogenese: Os 'Novos' Índios do Nordeste e sua Arte, PPGAS-MN-UFRJ, p 192-202, 1999. Disponível em [www.concinnitas.uerj.br/wallace.pdf](http://www.concinnitas.uerj.br/wallace.pdf) - Acesso em maio 2010.

BARRETO, MARIA DAS GRAÇAS DE CARVALHO, A encruzilhada do pecado: Ye'pá e o imaginário sexual no Mito Tukano de Criação do Mundo Pendente, tese de mestrado, UFAM, Manaus, 2002, disponível em [http://servicos.capes.gov.br/arquivos/avaliacao/estudos/dados1/2002/12001015/045/2002\\_045\\_12001015014P5\\_Teses.pdf](http://servicos.capes.gov.br/arquivos/avaliacao/estudos/dados1/2002/12001015/045/2002_045_12001015014P5_Teses.pdf). Acesso em maio 2010.

BERTOLLI FILHO, CLÁUDIO. História da Saúde Pública no Brasil, São Paulo; Atica; 2000.

Boehs AE, Monticelli M, Wosny AM, Heidemann IBS, Grisotti M., A interface necessária entre enfermagem, educação em saúde e o conceito de cultura, Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2007 Abr-Jun; 16(2): 307-14.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade - lembranças de velhos. 6 ed. São Paulo:Schwarcz LTDA,1998.

BRASIL, Ministério da Justiça, Funai – Fundação Nacional do Índio, Brasília, DF, Povos indígenas. Kariri-Xocó. Disponível em: [www.mj.gov.br/data/pages/](http://www.mj.gov.br/data/pages/) Acesso em: maio 2010.

– MATA, Vera Lúcia C. A Semente da Terra (Kariri-Xoco). 1999, *ibidem*.

– MUSEU NACIONAL DE INDIO, Expressão Gráfica e Oralidade entre Wajãpi do Amapá –Brasil, boletim n. 9, outubro 2002. Disponível em [www.seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/viewFile/.../1468](http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/viewFile/.../1468)

BRASIL, Ministério da Saúde, PORTARIA Nº 971, DE 3 DE MAIO DE 2006, Diário Oficial da União, Edição Número 84 de 04/05/2006, Brasília, DF

COSTA, DINA CZERESNIA, Política Indigenista e assistência à Saúde: Noel Nutels e o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas, Cad. Saúde Pública vol.3 no.4 Rio de Janeiro Oct.Dec. 1987, disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1987000400003&script=sci\\_arttext&tlng](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1987000400003&script=sci_arttext&tlng). = Acesso em maio 2010.

COSTA, Ana Luiza B. Martins. Barragem de Sobradinho: o desencontro cultural entre camponeses e técnicos do Estado. In: Hidrelétricas, ecologia e progresso – contribuições para um debate. Rio de Janeiro: Cedi, 1990. p. 55-57. Disponível em [programamapa.com.br/.../os\\_impactos\\_sociais\\_sobradinho.pdf](http://programamapa.com.br/.../os_impactos_sociais_sobradinho.pdf). Acesso em maio 2010.

GIATTI, Leandro Luiz; ROCHA, Aristides Almeida; TOLEDO, Renata Ferraz de et al.

Condições sanitárias e socioambientais em Iauaretê, área indígena em São Gabriel da

Cachoeira, AM. Ciênc. saúde coletiva, Nov./Dec. 2007, vol.12, no.6, p.1711-1723.

ISSN 1413-8123. Disponível em [www.scielo.org/scielo.php?script=sci...pid...](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci...pid...) –

Acesso em maio 2010.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi, Índios: passado, presente e futuro., USP, São Paulo, 1995, disponível em

<http://www.forumeja.org.br/ei/files/indios%20passado%20presente%20e%20futuro%20pdf.pdf>. Acesso em agosto 2006.

KOIFMAN, Sergio, Geração e transmissão da energia elétrica: impacto sobre os povos

indígenas no Brasil, Cadernos de Saúde Pública Print ISSN 0102-311X - Cad. Saúde

Pública vol.17 no.2 Rio de Janeiro Mar./Apr. 2001 doi: 10.1590/S0102-

311X2001000200016. Disponível em [www.scielo.org/pdf/csp/v17n2/4186.pdf](http://www.scielo.org/pdf/csp/v17n2/4186.pdf).

Acesso em maio 2010.

---

MAYET, Enrique Florescano, The Indigenous Memory - a New Approach To

Reconstruction of the Past, Revista Ciencias Sociales De La Universidad Autónoma de

Nuevo León Año 3 Número 4/5 \_Septiembre 2000-Abril 2001. Disponível em

[trayectorias.uanl.mx/4y5/memoria.html](http://trayectorias.uanl.mx/4y5/memoria.html) – Acesso em agosto 2006.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria, Metodologia do Trabalho

Científico, SP, Atlas, 2006.

MARTINS, Sílvia Aguiar Carneiro, Os Caminhos da Aldeia... Índios Xucuru-Kariri em

Diferentes Contextos Situacionais, tese de mestrado, Curso de Mestrado em

Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 1994, p. 21.

[openpdf.com/ebook/kariri-pdf.html](http://openpdf.com/ebook/kariri-pdf.html). Acesso em maio 2010.

MENDONCA, Ana Valéria Machado, Kariris-Xocós: economia e sobrevivência

(A resistência de uma tribo que sobrevive à custa das tradições), FUNAI. Relatório

sobre os Xocó. Processo FUNAI/BSB/5525/79.1985. vol. 2. Apresentado no

INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS, 2000,

[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/.../NP13MENDONCA.PDF](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/.../NP13MENDONCA.PDF). Acesso em

maio 2010.

MENTA, Sandra Aiache , Processo saúde-doença entre populações indígenas brasileiras: uma questão conceitual e instrumental, Tellus, ano 2, n. 2, abr. 2002, Campo Grande –MS, p 65-72. [ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus/tellus2/TL2\\_Sandra%20Aiache%20Menta.pdf](ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus/tellus2/TL2_Sandra%20Aiache%20Menta.pdf). Acesso em maio 2010.

MOTA, Clarice Novaes, As jurema told us: Kariri-Shoko and Shoko mode of utilization of medicinal plants in the context of modern northeastern Brazil. Tese de Doutorado em Antropologia, University of Texas, Austin, EUA, 1987.

OLIVEIRA, Maria da Dores, Línguas Ameaçadas, Scientific American Brasil, p. 23, ano V, n. 51, Agosto 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso, O índio e o mundo dos brancos. 4ª ed.; Campinas: Unicamp, Hucitec, 1996.

PINTO, Alejandra Aguilar, A ‘reconfiguracao’ étnica e cultural dos povos indígenas no Ciberespaco através das suas Práticas Informacionais : o caso dos Kariri-Xocó e Pankararu no Brasil., Departamento de Ciência de Informação, Universidade de Brasília, UnB, 2007. Disponível em [www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/.../GT62-Ponencia%5BAguilar%5D.pdf](http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/.../GT62-Ponencia%5BAguilar%5D.pdf) . Acesso em maio 2010.

SANTOS FILHO, Roberto Lemos, Índios, Convenção 169 – OIT e Meio Ambiente, Revista CEJ, Brasília, n. 33, p. 16-21, abr./jun. 2006. [www.buscalegis.ufsc.br/revistas/.../33333-42598-1-PB.pdf](http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/.../33333-42598-1-PB.pdf). Acesso em setembro 2007.

RICARDO, L.M.; STOTZ, E.N, Uso de Plantas Mediciniais: o Sistema Único de Saúde e a autonomia dos saberes comuns, <http://200.160.128.132/trabalhosredeunida/resumos/RE1017-3.pdf>

SILVA, Rosa Helena Dias, Educação, Cultura e Meio Ambiente: Uma aproximação das concepções indígenas a partir do movimento dos professores indígenas da Amazônia, ANPED, 2003, disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/rosahelenadidasilva.rtf>. Acesso em setembro 2007.

SOUZA, Jakeline, Educação Intercultural e Transcultural: Povos Indígenas da Amazônia Brasileira, 2003, Disponível em <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/544-of10b-st4.pdf>. Acesso em agosto 2007.